



6º Simposio de Ensino de Graduação

PATHOS OU KIERKEGAARD E A DOENÇA MORTAL

Autor(es)

ARARY LIMA GALVAO DE OLIVEIRA

Orientador(es)

MARCIO AP. MARIGUELA

1. Introdução

Por que cargas d'águas Kierkegaard compõe uma figura tão inquieta... A rigor não me ocupo em uma exegese de seu pensamento. Vale-me como ponto de partida o seu exemplo trágico composto, a saber, pela obra e especialmente pela experiência pessoal. A problemática se dá um tanto diversa por não escarafunchar conceitos como os de angústia ou desespero, porém contê-los, desde a partida, como provisões certas para a excursão a que me presto. Unamuno diz:

“Houve, entre os homens de carne e osso, exemplares típicos dos que têm o sentimento trágico da vida. De pronto lembro Marco Aurélio, Santo Agostinho, Pascal, Rousseau, René, Obermann, Thomson, Leopardi, Vigny, Lenau, Kleist, Amiel, Quental, Kierkegaard, homens carregados muito mais de sabedoria do que de ciência.[1]”

[1] UNAMUNO, Miguel de, 1996, p 17.

2. Objetivos

A minha atenção incide sobre Kierkegaard. Este sentimento trágico não é aos meus olhos outra coisa senão o desespero humano. Senão a doença até a morte. A dissertação, entretanto, da obra homônima, por diversas vezes, e em tom solene, preconiza idéias do desespero do homem ético, do homem secular, do homem dado entre relações sociais. E antes de meter aí uma comparação com o exemplo hierático de Abraão, lanço mão de uma digressão a partir do evento trágico do homem Kierkegaard, do homem de carne e osso, do homem insatisfeito.

3. Desenvolvimento

Albert Camus em seu livro O Mito de Sísifo, afirma que “todo o esforço de sua inteligência”, referindo-se a Kierkegaard, “é para escapar à antinomia da condição humana”[1]. Camus ainda continua a falar do absurdo, do incompreensível, e efetivamente não trato do mesmo problema, mas lido com a mesma matriz, a antinomia, o paradoxo, a contradição... Lembro-me de Kierkegaard dizer que o desespero humano não é a simples contradição, mas a possibilidade desta,

“O desespero é uma discordância interna duma síntese cuja relação diz respeito a si própria. Mas a síntese

não é a discordância, é apenas a sua possibilidade, ou então implica-a”[2].

Consciência, contradição e tragédia, três idéias que me confundem um bocado, e que hão de se confundirem mais ainda entre si. Para não demorar muito aproveito de Unamuno nisto também.

a- Consciência

O mundo é para a consciência. Ou, melhor dizendo, esse para, essa noção de finalidade e, melhor que noção, sentimento teleológico só nasce onde há consciência. Consciência e finalidade são, fundamentalmente a mesma coisa.[3]

b- Contradição

Alguém poderá ver um fundo de contradição em tudo o que estou dizendo, ansiando por vezes à vida inacabável e dizendo, outras, que essa vida não tem o valor que lhe é dado. Contradição? Pois claro! Entre meu coração, que diz sim, e minha cabeça, que diz não! Contradição, naturalmente. Quem não se lembra daquelas palavras do Evangelho: “Eu creio, Senhor, ajuda-me na minha falta de fé!”? (Marcos, IX, 24) Contradição, naturalmente! Pois que só vivemos de contradições, e por elas, pois que a vida é tragédia, e a tragédia é perpétua luta, sem vitória nem esperança de vitória, é contradição.[4]

c- Tragédia

Eis-nos, aqui, no ápice da tragédia, em sua culminância, na expectativa desse supremo sacrifício religioso: o da sua consciência individual em prol da Consciência Humana mais perfeita, da Consciência Divina.

Mas há tal tragédia? Se chegarmos a ver claro essa anacefaleose, se chegássemos a compreender e sentir que vamos enriquecer Cristo, vacilaríamos um momento em nos entregarmos todos, a Ele? O riacho que entra no mar e sente na doçura de águas o amargor do sal oceânico retrocederia até sua nascente? Iria querer voltar à nuvem que nasceu do mar? Não é um gozo sentir-se absorvido?

No entanto...

Sim, apesar de tudo, a tragédia culmina aqui.

E a alma, minha alma, pelo menos, anseia outra coisa; não absorção, não quietude, não paz, não apagamento, mas eterna aproximação, sem nunca chegar, infundável anseio, eterna esperança que eternamente se renova sem nunca se acabar de todo.[5]

[1] CAMUS, Albert, 1989, p 56.

[2] KIERKEGAARD, Soren, 1974, p 339.

[3] UNAMUNO, Miguel de, 1996, p 13.

[4] UNAMUNO, Miguel de, 1996, p 13.

[5] UNAMUNO, Miguel de, 1996, p 243,244.

Para acusar a tragédia em Kierkegaard, como demonstração de seu método dialético, de sua dialética de oposições desvairadas[1], preliminarmente, vou contar um pouco das observações que Gilda e Antônio Cândido fazem da obra de Manuel Bandeira na introdução à compilação de sua obra poética no livro *Estrela da vida inteira*. Iniciam o texto, afirmando que entre as várias formas que se pode encontrar de ler os poemas de Bandeira, um modo seria de “pensá-los com referências aos dois pólos da Arte, isto é, o que adere estritamente ao real e o que procura subvertê-lo por meio de uma deformação voluntária”[2]. Há também dois símbolos de sua temática amorosa que interessa aqui ressaltar, a rosa e a estrela. O primeiro símbolo muitas vezes palpável, ao alcance da mão, o segundo o que se faz inalcançável, distante, fugaz.[3] tomo esta oposição como análoga ao processo dialético de Kierkegaard.

Canção de Duas Índias

Entre estas Índias de leste

E as Índias ocidentais

Meu Deus que distância enorme

Quantos oceanos Pacíficos

Quantos bancos de Corais

Quantas frias latitudes!

Ilhas que a tormenta arrasa

Que os terremotos subvertem

Desoladas Marambais

Sirtes sereias Medeias

Púbis a não poder mais
Altos como a estrela-d'alva
Longínquos como oceanias
—Branças, sobrenaturais —
Oh inacessíveis praias!...

Manuel Bandeira ocupa os três primeiros versos em fazer uma constatação apenas da “distância enorme”, do verso seguinte ao décimo terceiro passa a enumerar exaustiva, angustiadamente uma lista de elementos hostis interpostos entre as duas Índias. E finalmente nos dois últimos versos reconhece que seu alvo é inacessível.[4] A frustração ascende aqui de forma diversa à frustração genérica de “a vida inteira que podia ter sido e que não foi” do poema *Pneumotórax*, a frustração se dá pela falta de solução, pelo desejo de tocar rosa, e a estrela inacessível no jogo “púbis a não poder mais” e “Altos como estrela-d'alva” com a crueldade da progressão de “longínquos”, “sobrenaturais” e finalmente no cansaço e na renúncia de “Oh inacessíveis praias!...”.[5]

[1] REALE, Miguel in VITA, Luis W. e outros, 1956, p 7.

[2] CÂNDIDO, Gilda e Antonio, in BANDEIRA, Manuel, 1993, p 3.

[3] CÂNDIDO, Gilda e Antonio, in BANDEIRA, Manuel, 1993, p 14 e 15.

[4] CÂNDIDO, Gilda e Antonio, in BANDEIRA, Manuel, 1993, p 9.

[5] CÂNDIDO, Gilda e Antonio, in BANDEIRA, Manuel, 1993, p 14-17.

4. Resultado e Discussão

Este material, esse falar sempre sobre a mesma coisa, desde seu início não se presta a ocupar o papel de uma análise, prestei-me a refletir e elogiar a trajetória de Kierkegaard. Os filósofos realmente são piores que os fariseus. Concordo com Kierkegaard, ao dizer que estes exigem o impossível[1]. Kierkegaard foi salvo, foi salvo pela tragédia que o consumiu lentamente, somente foi salvo, pois, como está na Escritura, odiou a própria vida, para conscientemente erigir uma torre, edificou, sobre seu sofrimento, o paradoxo de sua existência. Salvou-se por se aniquilar por completo, mas diferentemente de Sartre que encontrou consolo na Cultura[2] e regozija-se do que chama de ser sua louco[3], a Kierkegaard só coube o reconforto das lágrimas, como Santo Agostinho que após a morte de seu amigo se descobre reconfortado pelo pranto, por causa do fastio dos prazeres...[4] Não se trata de um fim consolador este, porquanto o texto todo feito em primeira pessoa, cabe a mim, tornar público que pretensiosamente me ofereço como o poeta de Kierkegaard. Se realmente o fui, se valeu uma recordação não sei[5]... Ainda, de qualquer forma, resta a tragédia...

Há também uma tragédia de Sancho. Aquele, o outro, o que andou com Dom Quixote que morreu, não consta que tenha morrido, muito embora haja quem creia que morreu louco de atar, pedindo a lança e crendo que havia sido verdade tudo que seu amo abominou como mentira em seu leito de morte e de conversão. Mas, tampouco consta que tenham morrido o bacharel Sansão Carrasco, o cura, o barbeiro, os duques e os cônegos; e é com estes que tem de lutar o heróico Sancho[6].

[1] KIERKEGAARD, Soren, 2003, p 124.

[2] Ver SARTRE, Jean-Paul, 2000, p 182.

[3] Ver SARTRE, Jean-Paul, 2000, p 183.

[4] ver AGOSTINHO, Santo, 1974, p 59.

[5] ver KIERKEGAARD, Soren, 1974, p 259.

[6] UNAMUNO, Miguel de, 1996, p 308.

5. Considerações Finais

O desejo de encontrar uma saída, o êxito para o problema inconseqüente de estar no mundo, hesitação, a dificuldade do instante em que é preciso realizar as escolhas. Angústia e desespero, excitação. Formam o caminho desta digressão, colocando através da tragédia, o indivíduo a repetir continuamente: êxito, excito, hesito...

Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, Santo. **Pensadores**. SP. Ed. Abril Cultural, 2ª ed. 1980.
- ANJOS, Augusto: *Eu e outras Poesias*. SP. Editora Martins Fontes, 2ª edição 2001.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*. RJ. Editora Nova Fronteira. 20 ed. 1993.
- BARTHES, Rolan. *Fragmento de um discurso amoroso*. RJ. Trad. Hortência dos Santos – Ed Francisco Alves, 14ª ed. 1997.
- BRAGA, Rubem: *200 crônicas escolhidas*: SP. Editora Círculo do Livro, 1977.
- BUARQUE, Chico. Disco **Chico Buarque**, Polygram Discos LTDA, 1978.
- CAMUS, Albert: *O mito de Sísifo*: RJ., trad Mauro Gama, Editora Guanabara, 2ª edição, 1989.
- COUTINHO, Afrânio. *Antologia Brasileira de Literatura*. RJ. Editôra Distribuidora de Livros Escolares Ltda, 3ª ed. 1967.
- KIERKEGAARD, Soren e SCHOPENHAUER, A. *Os pensadores*. SP. Abril S. A. Cultural e Industrial, 1ªedição julho, 1974.
- KIERKEGAARD, Soren. *É preciso duvidar de tudo*. SP. Martins Fontes, 2003.
- KIERKEGAARD, Soren. *Migalhas Filosóficas,ou, um Bocadinho de Filosofia de João Clímacus*, Petrópolis. Trad Ernani Reichmann e Álvaro Valls Editora Vozes, 1995.
- KIERKEGAARD, Soren. *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*. Lisboa . Trad. João Gama. Edições 70 Ltda, Distribuidora Martins Editores SP – 1986:
- LUCIANO. *Diálogos dos mortos*. SP. Trad. Henrique G. Muracho. EDUSP (Editora Universidade de São Paulo) 1996.
- PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. SP. Ed. Companhia das Letras 2ª ed. 1999.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. RJ. Editora Nova Aguillar S.A, 1985.
- SARTRE, Jean-Paul. *As Palavras*. RJ.Trad. J. Guinsburg. Ed. Nova Fronteira: 6ª ed. 2ª imp. 2000.
- SÓFOCLES. *Antígona*: RJ. Trad. Mário da Gama Kury. Ed. Civilização Brasileira, 1970.
- UNAMUNO, Miguel de: *Do sentimento Trágico da Vida*. SP. trad. Eduardo Brandão. Editora Martins Fontes 1996.
- VITA, Luis Washington & BARBUY, Heraldo & CZERNA, Renato Cirell & BÓ, Efrain Tomás & SILVA, Vicente Pereira da. *Soren Kieerkegaard*. Revista Brasileira de Filosofia, 1956.